

1

Archie não consegue saber ao certo se é ela mesma até aquele instante. Um vago calor brota na sua espinha, a visão se embaça e então ele vê que Gretchen Lowell é a assassina. Nota que foi drogado, mas é tarde demais. Tateia em busca da arma, mas suas mãos estão pesadas e ele consegue apenas tirá-la desajeitadamente do coldre e estendê-la como se fosse um presente. Ela a apanha e sorri, beijando-o com carinho na testa. Então enfia a mão em seu paletó e pega o celular, desligando-o e colocando-o na bolsa. Ele está quase completamente paralisado àquela altura, afundado na poltrona de couro no escritório montado com esmero da casa dela. Porém, sua mente conserva uma clareza perturbadora. Ela se ajoelha diante de Archie, como fazemos com uma criança, e aproxima tanto os lábios dos dele que os dois quase chegam a se beijar. Ele sente a pulsação na garganta. Não consegue engolir. Ela cheira a lírios.

— Está na hora de ir, querido — sussurra ela. Então se levanta, e alguém o ergue de repente por trás, cotovelos sob as suas axilas. Um homem na frente dele, corado e forte, pega suas pernas, e os dois o carregam até a garagem, deitando-o na traseira de uma Voyager — o veículo que Archie e sua força-tarefa passaram meses procurando. Em seguida, ela entra rastejando sobre seu corpo. Então Archie percebe que uma outra pessoa está dentro da van — não era Gretchen atrás dele —, mas não tem tempo de processar isto, pois ela está prendendo seu tronco com as pernas, um joelho em cada lado da cintura. Já não consegue mover os olhos, de modo que ela narra o que está fazendo.

— Estou puxando sua manga direita para cima. Estou preparando uma veia. — Então ela ergue uma agulha hipodérmica dentro do seu campo de visão. Dezoito por cento das *serial killers* são enfermeiras. Ele olha para o teto da van. Metal cinza. *Fique acordado*, pensa. *Lembre-se de todos os detalhes, vai ser importante*. E então: *se eu continuar vivo*.

— Vou deixar você descansar um pouco. — Ela sorri e coloca o rosto liso e bonito sobre o de Archie, para que ele possa vê-la, seu cabelo loiro roçando-lhe o rosto, embora ele não possa sentir. — Vamos ter muito tempo para brincar mais tarde.

Archie não consegue responder, já não consegue nem mesmo piscar. Sua respiração sai em arquejos longos e lentos. Não consegue vê-la empurrando a agulha em seu braço, mas supõe que ela o tenha feito, pois o que se segue é apenas a escuridão.

Ele acorda deitado de costas. Ainda está grogue e leva um tempo para perceber que o homem corado está de pé ao lado dele. Neste instante, o primeiro instante de consciência de Archie, a cabeça do homem explode. Archie se contrai à medida que o sangue e a massa encefálica dele jorram para frente, sujando seu rosto e peito; um vômito de fluido quente e coagulado. Ele tenta se mexer, mas suas mãos e pés estão amarrados a uma mesa. Sente um pedaço de algo de uma quentura asquerosa escorrer pelo seu rosto e cair no chão e força as amarras até ferir a pele, mas sem conseguir soltá-las. Ele golfa, mas sua boca está presa por uma fita adesiva que empurra a bile de volta para a garganta, fazendo-o golfar novamente. Seus olhos queimam. Então ele a vê, parada onde o corpo do homem caiu, segurando a arma que acabou de usar para executá-lo.

— Quero que entenda de uma vez a seriedade do meu compromisso com você — diz ela. — Que você é o único. — E então dá meia-volta e vai embora.

Ele é deixado lá para refletir sobre o que acabou de acontecer. Engole em seco, instando-se a manter a calma, a olhar em volta. Está sozinho. O homem está morto no chão. Gretchen foi embora. O motorista da van foi embora. O sangue de Archie pulsa com tanta violência que é a única coisa que sente. O tempo passa. A princípio ele acha que está em

uma sala de cirurgia. É um lugar grande, com as paredes cobertas de azulejos de cerâmica e bem iluminado por luzes fluorescentes. Ele vira a cabeça de um lado para o outro e vê diversas bandejas de instrumentos, máquinas que parecem de hospital e um ralo no chão de cimento. Força novamente as amarras e percebe que está atado a uma maca. Tubos entram e saem do seu corpo: um cateter, uma intravenosa. Não há janelas no quarto e um cheiro fraco de terra rodeia sua consciência. Mofo. Um porão.

Ele começa a pensar como um policial. Os outros foram torturados por alguns dias antes que ela os desovasse. Isso significava que ele tinha tempo. Dois dias. Talvez três. Eles poderiam achá-lo durante esse período. Tinha dito a Henry para onde estava indo, que tinha uma consulta com a psiquiatra sobre o novo corpo. Ele queria vê-la, queria se aconselhar com ela. Não estava preparado para isso. Mas eles ligariam os pontos. Henry ligaria os pontos. Só poderiam rastreá-lo até aquele local. Ligara para a mulher no caminho. Aquela seria o último ponto de contato. Quanto tempo havia passado desde o rapto?

Lá estava ela novamente. Ao lado da mesa, de frente para onde o corpo ainda estava caído, sangue grosso e negro infiltrando-se no chão cinza. Lembrava-se de quando ela se apresentou — a psiquiatra que desistiu de clinicar para escrever um livro. Ela havia lido sobre a força-tarefa e ligara para ele para saber se poderia ajudar. Aquilo se transformara em um inferno para todos eles. Ela se ofereceu. Nada de terapia, foi o que ela disse. Só conversar. Eles vinham trabalhando no caso por quase dez anos. Vinte e três corpos em três estados. Tinha cobrado seu preço. Ela convidou os interessados para uma sessão em grupo. Só conversar. Ele ficara surpreso com o número de detetives que apareceram. Talvez o fato de que ela era bonita tenha ajudado um pouco. Mas o engraçado foi que funcionou. Ela era muito boa.

Gretchen puxa o lençol branco que o cobre abaixo do peito e ele percebe que está nu. Essa constatação não traz vergonha alguma. É apenas um fato. Ela espalma uma das mãos sobre o seu esterno. Ele sabe o que isso significa. Memorizara as fotos dos crimes, as escoriações e queimaduras nos tóraces. Faz parte do perfil, uma de suas assinaturas.

— Você sabe o que vem em seguida? — pergunta ela, sabendo que sim.

Ele precisa conversar com ela. Ganhar tempo. Archie produz um som embaralhado através da fita adesiva e gesticula com a cabeça para que ela a retire. Gretchen encosta o dedo nos lábios dele e balança a cabeça.

— Ainda não — diz baixinho.

Ela volta a perguntar. Com um pouco mais de rispidez.

— Você sabe o que vem em seguida?

Ele assente.

Ela sorri, satisfeita.

— É por isso que preparei algo especial para você, querido.

Uma bandeja de instrumentos está ao seu lado; ela se vira e retira algo dela. Um martelo e um prego. Interessante, pensa ele, impressionado com a própria capacidade de desprendimento, de se manter clínico. Até então as vítimas pareciam ter sido escolhidas aleatoriamente, homens, mulheres, jovens, velhos, mas os ferimentos torácicos, embora tivessem evoluído, haviam se mantido notavelmente constantes. Gretchen nunca tinha usado pregos antes.

Parecia feliz.

— Achei que você gostaria de uma pequena variação.

Ela deixa as pontas dos dedos subirem dançando a caixa torácica até encontrar a costela que procura, coloca a ponta do prego contra a pele e desce violentamente o martelo. Ele sente a explosão da costela quebrando e golfa mais uma vez. Seu peito queima de dor. Luta para respirar. Seus olhos lacrimejam. Ela limpa uma lágrima de sua face afogueada, acaricia o cabelo dele, encontra outra costela e repete o processo. E repete. Quando termina, seis costelas estão quebradas. O prego está molhado de sangue. Ela o deixa cair de volta na bandeja de instrumentos com um tilintar inócuo. Ele não consegue erguer o corpo nem um milímetro sem sentir uma dor lancinante, diferente de tudo que já sentiu antes. Suas narinas se entupiram de muco e, sem conseguir respirar pela boca, ele tem que se preparar para a agonia de cada dilatação do pulmão, ao mesmo tempo em que não consegue se forçar a respirar devagar, desacelerar os arquejos desesperados e fortes que parecem soluços. *Talvez dois dias tenha sido otimismo*, pensa ele. Talvez fosse morrer naquele instante.